

POR UMA ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO: O DESEQUILÍBRIO DOS SENTIDOS E O ENFRAQUECIMENTO DOS VÍNCULOS COMUNICATIVOS

Maria Aparecida Ladeira da Cunha¹

Resumo:

Este artigo visa dialogar acerca da pertinência em se estudar a Comunicação a partir de uma perspectiva ecológica, defendida por Romano (1993) e Baitello Júnior (2005). Segundo os autores, o desenvolvimento de uma teoria ecológica da comunicação estabelece uma ponte entre a Teoria da Comunicação e a Ecologia Humana, num cenário em que os seres humanos se vêem obrigados a cada vez mais se adaptar a técnica, afetando o entorno comunicacional. Tendo como base a classificação criada por Pross (1972), que divide as mídias em primária, secundária e terciária, é possível observar que o predomínio atual da comunicação eletrificada não ampliou o espaço nem o tempo das relações de proximidade, mas um distanciamento cada vez maior, gerando desequilíbrios devido à falta de vínculos.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Ecologia da Comunicação. Teoria da Mídia.

O processo de comunicação, segundo Vicente Romano (2004), humana nos possibilita a conexão, a comunhão, a vinculação com os outros. É através da comunicação que experimentamos as relações sociais, a vivência em comum, os sentimentos de pertencimento a uma comunidade.

Para Norval Baitello Jr. (2005),

A comunicação não é apenas ferramenta do homem, ou seu instrumento; a cultura não é apenas um entorno de cenografia ou um pano de fundo decorativo. Tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras. (BAITELLO JR., 2005, p. 8).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista - UNIP. E-mail: cidinha.cunha@gmail.com.

Tendo tais conceitos como ponto de partida, esse artigo busca analisar a comunicação sob o ponto de vista do seu entorno, seu ambiente social, que necessita ser analisado de forma a contribuir para com o seu equilíbrio. É preciso avaliar a forma como se dá o processo de comunicação, de vinculação, pois é função dos meios vincular ou desvincular o homem do seu ambiente.

Baitello Jr. (2005, p. 8), defende que “comunicação e cultura constituem-se em esferas indissociáveis”, logo seria “impossível pensar a comunicação humana sem a vertente histórica dada pela cultura”. Para ele, “se a comunicação é construção de vínculos, a cultura é o entorno e a trajetória complexa dos vínculos, suas raízes, suas histórias, seus sonhos e suas demências, seu lastro e sua leveza, sua determinação e sua indeterminação”. A competência comunicativa compreende então, essencialmente, a capacidade de perceber o entorno natural e social e expressar as necessidades próprias de interação com ambos.

Devido aos crescentes avanços tecnológicos dos meios de comunicação, evidencia-se um fenômeno de descontextualização espaço x tempo da sociedade com o seu entorno.

O tempo e o espaço não são apenas coordenadas da percepção, eles também determinam os processos sociais da comunicação. Aqui, a pertinência de averiguar como influem os meios de comunicação na constituição do tempo e do espaço e qual papel desempenha aqui as novas tecnologias da informação e da comunicação. (ROMANO, 1998, p. 17)

Segundo Pelegrini (2012), a comunicação, vista como um ato de sincronização social tem como matéria-prima o tempo. A cultura, por sua vez nos permite criar as temporalidades. Ela é o ambiente no qual criamos os tempos.

Pelegrini defende que o papel da mídia é sincronizar, coletivamente, o imaginário das pessoas, é dominar o tempo, apropriar-se do biotempo, a ponto de modificar a percepção de mundo em proporções gigantescas.

Ao usarmos a mídia para sincronizar o nosso tempo com o da realidade, não fazemos mais do que sincronizarmos nosso tempo com o da mídia. Somos seres de temporalidade diferente da natureza, já que somos seres de cultura. Construímos o nosso tempo e construímos as máquinas que inventaram seu próprio tempo. Aqui, a expressão “tempo real” já não faz sentido para a humanidade, mas apenas para as máquinas, hoje capazes de operar com tempos infinitamente grandes (quando dos cálculos astronômicos) e infinitamente pequenos (quando dos processadores eletrônicos). (PELEGRINI, 2012)

O entorno comunicacional, necessita ser observado pelo viés da ecologia, da sustentabilidade, através da forma como se dá a comunicação, a vinculação, pois é nesse cenário que ocorre a troca do presente individual pelo presente coletivo: vivências, produção de sentidos, que possibilita a compreensão do passado, da história, e também estimula a sensibilidade. Discutir a democratização dos veículos midiáticos, frente ao seu poder desproporcional da perda de sentidos, que vem produzindo em grande escala na sociedade, é de fundamental importância para a busca do equilíbrio.

Sobre a necessidade humana de vínculos, Contrera (2003, p. 105) afirma que, “Sem a formação de vínculos não há nenhuma possibilidade de comunicação e nenhuma instância de vida; dos microorganismos às sociedades, os vínculos são a premissa básica para a formação dos vasos comunicantes capazes de alimentar e manter vivo qualquer sistema”.

Sobre o papel e a importância da “pertencência, o etólogo Bóris Cyrulnik diz que:

É preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única... A pertença tem dois lados: a familiaridade e a filiação. A familiaridade é um sentimento que se experimenta e se reforça no cotidiano porque se enraíza na sensorialidade dos estímulos da vida doméstica. O sentimento de filiação, por sua vez, só existe na representação psíquica que se enraíza no contexto cultural. A familiaridade se alimenta de biológico, de memória e de sensorialidade cotidiana, ao passo que a filiação se alimenta de cultura. (CYRULNIK, 1995, p. 75)

Segundo Contrera, vivemos atualmente uma espécie de falência das experiências interpessoais cotidianas, que se tornaram aprisionadas por um modo de vida estereotipado,

que se limitam as experiências pessoais mais particulares, típico das sociedades de massa, o que resultaria no enfraquecimento do sentimento de familiaridade citado por Cyrulnik.

Romano nos chama a atenção para o fenômeno moderno sobre a comunicação e a crise de familiaridade e das percepções sensoriais; nas quais predominam, cada vez mais, o uso da mídia eletrônica, que privilegia os sentidos da distância, em detrimento de outros meios de comunicação que privilegiam os sentidos de proximidade corporal.

Para Harry Pross (1972, p. 127), toda a comunicação começa e termina no corpo. Segundo ele, “Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto”.

O corpo humano se comunica das mais diversas formas: a voz, o cheiro, os gestos, o gosto. Mas para que a comunicação primária aconteça, é preciso que estejamos no mesmo espaço e no mesmo tempo. A mídia primária requer proximidade para funcionar. Ela exige o tempo e o espaço do aqui e do agora.

Na mídia secundária, entre um corpo que emite um sinal e outro que recebe o sinal, existe um objeto, uma mídia, para transmitir a informação. Na mídia secundária, apenas o emissor necessita de um suporte para transmitir a informação, para prolongar, aumentar seu tempo de emissão, seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o seu receptor. Esse suporte pode ser de diversos tipos de materiais.

Segundo Baitello Jr., há um evidente avanço na relação do homem consigo mesmo, trazido pela mídia secundária, uma evidente expansão das fronteiras do seu imaginário e, portanto, de sua cultura. A mídia primária é presencial, exige a permanência de emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo, é, portanto a mídia do tempo presente. A mídia secundária trouxe consigo a possibilidade de permanência e a sobrevida simbólica após a presença do corpo.

A mídia secundária introduz um fator temporal novo, inventando o tempo lento, que é o tempo da escrita, da decodificação e da decifração, o tempo da imagem registrada sobre materiais permanentes, que permite o tempo lento da contemplação.

Na mídia terciária, segundo Pross (1972, p. 226), “são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor”. Com o advento da era da eletricidade, desenvolvem-se sistemas de mediação mais sofisticados utilizando aparatos de emissão e captação das mensagens, desafiando as barreiras de espaço e tempo.

Dentre os pontos positivos trazidos por essa mídia, temos a redução do espaço e as facilidades no transporte físico da mensagem, graças aos sistemas de eletrificação, cabeamentos e redes, mas, em contrapartida, podemos citar a aceleração do tempo e das sincronizações sociais como problemas graves gerados pelas mídias terciárias.

Outra questão a ser levada em conta é a possibilidade de reprodução ilimitada e distribuição irrestrita de imagens visuais ou acústicas. Segundo Baitello Jr. (2005) “imagens, em um sentido mais amplo, podem ser configurações de distinta natureza, em diferentes linguagens: acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais”. Para o autor, a possibilidade de reprodução excessiva tem levado a comunicação humana a uma “hipertrofia da visão e da visibilidade”.

Radicado etimologicamente do latim, *imago* permitiu variações na língua portuguesa como, por exemplo, imagem, imaginação e imaginário. O termo imagem refere-se à representação ou a reprodução mental de uma sensação ante a ausência da causa que a provocou. Conscientemente ou não, essa representação é constituída através de experiências, lembranças e percepções vividas, passíveis de alterações e substituições por novas vivências.

Gilbert Durand (1997, p. 14) define imaginário como “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, o grande e

fundamental denominador onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano.

Durand associa, ao imaginário, um sentido existencial realístico e uma essência própria, o que tecnicamente não distingue o pensamento lógico da relação com a imagem. “O imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor” (1997, p. 432).

Segundo Contrera², a padronização e a tecnologia pulam a etapa da imaginação. Na mídia só há espaço para o imaginário.

Para Juremir Machado da Silva, “o termo imaginário deve ser entendido como algo mais amplo do que um conjunto de imagens. (...) O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2003, p. 9). O autor defende ainda que o imaginário é, ao mesmo tempo, uma fonte racional e não-racional de impulso para a ação. Para o autor, a construção do imaginário individual se dá essencialmente por identificação, apropriação e distorção, enquanto que o imaginário social estrutura-se principalmente por contágio, aceitação, disseminação e imitação. “O imaginário explica o ‘eu’(parte) no ‘outro’ (todo). Mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura” (SILVA, 2003, p. 13-14).

Cenários de desequilíbrio

Baitello Jr. (2005), aponta que algumas das consequências dos avanços das mídias seriam uma “hipertrofia dos sistemas de mediação mais complexos, à custa de uma atrofia dos sistemas primários simples”. A necessidade de se observar e discutir esse tema parece

² Citação feita em sala de aula, na disciplina “Mediosfera”. Unip, 2013.

relacionar-se com a incapacidade de análise crítica das consequências do processo de desenvolvimento da mídia eletrônica.

No universo da comunicação, a hiperexposição e a superinformação configuram claramente o cenário de saturação no qual submerge todo o aparato midiático e no qual impera a quantidade e a pseudo-eficiência do mais, do melhor e especialmente do mais rápido, às custas do sacrifício do sentido, do corpo e dos vínculos comunicativos, defasando enormemente as conexões sociais. (CONTRERA, 2003)

Em seu artigo *Titanismo na Comunicação e na Cultura: os maiores e os melhores do mundo*, Malena Contrera questiona a falta de reflexão na área de Comunicação sobre os perigos presentes no “pensamento titânico”. Ela afirma que,

Com exceção de poucos autores, constantemente acusados de catastrofistas, o tom dominante dos discursos sobre comunicação é o da empolgação tecnológica e o da adesão inconteste aos valores titânicos da supereficiência (especialmente os que abrigam motivações econômicas), da rapidez até o ponto de fusão que elimina as relações concretas, do hiper/texto, do hiper/real do hiper/tudo que se funde em nada. (CONTRERA, 2003)

Em outro ensaio da autora, *A selva das imagens: algumas contribuições para uma Teoria da Imagem na esfera das Ciências da Comunicação*, em parceria com Baitello Jr, é possível perceber outras denúncias de desequilíbrio no cenário da comunicação. Eles afirmam que, “em meio ao dilúvio das imagens luminosas da sociedade midiática, pouco podemos saber sobre elas mesmas, por excesso de proximidade e por falta de obscuridade”.

Segundo Baitello Jr. (2005), o advento das imagens repetidas e idênticas, que se distribuem no espaço, faz emergir o fenômeno da superexposição, acompanhado de vazios, de déficits emocionais, que, por sua vez, faz com que novas imagens sejam geradas para suprir a sensação do vazio e ludibriar sua transição através de outras transições.

Os autores defendem que o resultado, como desdobramentos do processo de reprodutibilidade é a multiplicação exacerbada de imagens cada vez mais onipresentes, em

que o excessivo passa a ser cotidiano e a ocupar todos os espaços, inflacionando o valor de exposição. Para eles, o que se atrofia na época da reprodutibilidade técnica é a aura da obra de arte, pois substitui a existência única por uma existência serial. E no momento em que a autenticidade da obra perde importância, suas funções sociais se alteram, causando esvaziamento de sentido.

O antropólogo e anatomista Ashley Montagu estabeleceu um marco sobre o estudo dos sentidos, evidenciando a importância dos sentidos de proximidade, indo na contramão das tendências de comunicação, que vem se desenvolvendo cada vez mais baseada nos sentidos de distância. Sobre o pensamento crítico a respeito dos distanciamentos dos sentidos e suas consequências,

Montagu aponta ainda o traço, característico de algumas culturas, de cultivar a distância e criar bloqueios culturais contra a proximidade, sobretudo contra o toque, a carícia e o contato corporal. Procura demonstrar o que se perde e o que pode ser lesado na capacidade humana de se comunicar e até mesmo no desenvolvimento saudável do indivíduo, do grupo familiar e da sociedade. (BAITELLO JR., 2005, p. 38)

Tendo como base a classificação criada por Harry Pross (1972), que divide as mídias em primária, secundária e terciária, de acordo com a complexidade da mediação por aparatos, Vicente Romano (1993, p. 67) afirma que “o predomínio atual da mídia terciária na sociedade tecnificada de comunicações mediáticas deixa clara a falta e a necessidade da comunicação elementar humana”.

Ao contrário do que se esperava a crescente eletrificação das comunicações não ampliou o espaço nem o tempo das relações de proximidade. As relações sociais mais próximas, entre familiares e amigos, têm perdido espaço para a diversão eletrônica, mediada por aparelhos de comunicação, criadores de distância, gerando desequilíbrios e carências, que podem ser exemplificadas nas modernas formas de violência urbana, devido à falta de vínculos.

Segundo Pelegrini (2004, p. 153), “o estabelecimento da mídia terciária como principal sistema comunicativo do século XX indicou, de uma só vez, a definitiva quebra de barreiras espaço-temporais e o surgimento de uma importante ruptura no conceito de cotidiano”. O cotidiano passaria a ser regido por um sistema simbólico que se consolida na medida em que se transforma em sincronizador das sociedades ocidentais.

Pelegrini reafirma a importância que os veículos de comunicação de massa tiveram na alteração dos rumos de sociedades inteiras, contribuindo inclusive na alteração do mapa geopolítico da Europa na primeira metade do século passado. “Durante a primeira metade do século XX as inovações técnicas obrigaram as sociedades ocidentais a enfrentarem um processo de aceleração temporal e de diminuição do espaço” (PELEGRINI, 2004, p. 153).

Por uma ecologia da comunicação

Segundo Baitello Jr. (2005), o equilíbrio comunicacional do homem pede a presença distribuída de distância e proximidade, a visão como um preparo para a proximidade, a proximidade como um passo para a vida afetiva. Ele defende que “a era da visibilidade nos transforma a todos em imagens, invertendo o vetor da interação humana, criando a visão que se satisfaz apenas com a visão”.

Os imperativos de uma sociedade fundada na visibilidade e suas estratégias são cada vez mais invasivos. Não apenas há uma inegável proliferação inflacionária das imagens. Essas imagens não são apenas visuais, mas também acústicas, performáticas e comportamentais, olfativas ou simplesmente mentais, distribuídas pela disseminação do imaginário que acompanha todo movimento cultural. (BAITELLO JR., 2005, p. 28).

E Baitello Jr. complementa,

Assim, é violenta não apenas a disseminação de valores e critérios, ou a propagação de novos preconceitos, mas sobretudo o silenciar e omitir soluções para problemas tão elementares como o abandono de crianças e indigentes nas

ruas e a transferência devolutiva de tarefas básicas como saúde e educação para a responsabilidade do indivíduo. Estas são imagens que nos atingem no âmago de nossa essência comunicativa, no coração de nossa capacidade de estabelecer vínculos sociais, familiares, afetivos. (BAITELLO JR., 2005, p. 29).

Vicente Romano analisa o processo de privatização dos espaços públicos, que antes eram espaços de comunicação, festa e proximidade, não associados ao consumo, mas à celebração e à comunhão do espaço e do tempo. Segundo Contrera (2010, p. 125), “Estamos frente à falência de toda uma concepção de mundo que se mostra no desgaste de seus principais símbolos-diretores – o sucesso, o enriquecimento, o conforto, o consumo”. Ela ainda acrescenta que “a crescente busca por comunidades, virtuais ou concretas, tem sido a saída do homem contemporâneo para o resgate de um senso de participação possível”.

Frente a esse cenário, não se torna difícil entender a urgência da proposição de práticas comunicativas que ofereçam a possibilidade de estabelecimento de novos vínculos (e da alimentação dos antigos vínculos desejáveis). No entanto, como é possível propor práticas comunicativas que se prestem a esse papel partindo de uma visão tão mecanicista e tão racionalista de comunicação, voltada mais para o mercado do consumo tecnológico do que para a complexidade da alma humana? (CONTRERA, 2010, p. 126)

Raquel Paiva (2007, p. 136), postula que “a partir da vida comunitária, tem-se a possibilidade da experimentação dos laços e vínculos entre seres humanos, entre seres humanos e o território, entre seres humanos e sua história, entre seres humanos e a natureza, entre seres humanos e o cosmo”.

Paiva nos leva a refletir se a tecnologia realmente diminui distâncias ou se a vida comunitária precisa ser reinterpretada para possibilitar o estreitamento dos laços de convivência. Para ela, é possível utilizar de forma mais eficaz a comunicação para preencher o vazio de sociabilização.

Segundo a autora, uma comunidade se sustenta em interesses comuns, temporais e duradouros, e em objetivos da atividade e coexistência, também comuns, dos seres

humanos. Nesse contexto se desenvolve vivência, consciência e sentimento de pertencimento.

São muitos os exemplos de participação nas novas mídias, incluindo, em especial, a criação de software por meio de contribuições compartilhadas entre iguais – o open source software. As motivações sociais, reforçadas pelas pessoais, são propiciadas pelas novas redes de comunicação, que encorajam a participação em comunidades e o compartilhamento.

A comunicação alternativa ainda tende a sofrer resistências, uma vez que sua concorrência apela para a condução lúdica da informação, entretendo seu consumidor a ponto de induzi-lo à formação de conceitos pré-dispostos desde o início de todo o processo de propagação. Talvez essa linha de atração seja o caminho para que opções sejam propostas de forma a serem melhores aceitas pelo público que se espera atingir.

Como em revoluções prévias impulsionadas pela tecnologia, o que importa agora não são as novas capacidades que temos, mas como transformamos essas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, em oportunidades. A pergunta agora é “o que vamos fazer com essas oportunidades?” E a resposta está na cultura dos grupos que formamos e não na tecnologia em si.

Referências

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- CONTRERA, Malena Segura; BAITELLO JUNIOR, Norval. Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, v. 33, n. 25, p. 113-126, Jan. 2014. ISSN 2316-7114. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65623/68238>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. São Paulo: Annablume, 2010.
- CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takooki. **Publicidade e Cia**. Editora Thomsom, 2003.
- CONTRERA, Malena Segura. **O titanismo na comunicação e na cultura**: os maiores e os melhores do mundo. Artigo publicado no livro *Mídia.BR - Livro da XII Compós* - 2003, Ed. Sulina.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

10^o interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

- PAIVA, Raquel. **Para reinterpretar a Comunicação Comunitária**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.
- PELEGRINI, Milton. **O tempo como mídia da cultura**. In Revista Ghrebh, v. 1, n. 05, 2004.
- PELEGRINI, Milton. **Tempo, Mídia e Tecnologia**. Ed. Bluecom, 2008.
- PROSS, Harry. (1989). **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona: Antropos, 1989.
- _____. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Editorial Gustavo pili, 1980.
- ROMANO, Vicente. **Desarrollo y progreso: Por una ecología de la comunicacion**. Barcelona: Teideuropa América, 1993.
- _____. **Ecología de la Comunicación**. Hondarribia: Argilatexte Hiru, 2004.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulinas, 2003.